

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 25

Data: 04.05.76

Pg.: 22



Telefoto da Sucursal de Brasília

Rauni, cacique txucarramãe que foi a Brasília: "A terra é nossa e vamos lutar por ela".

Txucarramães renovam ameaça

Da Sucursal de
BRASÍLIA

"Essa terra não é da Funai, nem dos Villas Boas, ela é do índio e nós vamos lutar por ela". A frase é de Rauni, um cacique txucarramãe que, juntamente com dois outros caciques do grupo, que vive no

fértil vale do rio Xingu, em Mato Grosso, esteve até ontem em Brasília, denunciando para o presidente da Funai a invasão de suas terras e prometendo fazer justiça com as próprias mãos se o órgão não conseguir deter o processo crescente de ocupação do Xingu.

A região do Xingu até agora permanecia intocada, prote-

gida pela dificuldade natural de acesso ao vale xinguanu. No entanto, desde que a rodovia BR-080 cortou o Parque Nacional do Xingu ao Norte, passando a menos de 20 quilômetros da aldeia txucarramãe, os índios estão inquietos. Agora eles já sentem os primeiros resultados negativos da presença do branco na área: a caça está diminuindo e os fazendeiros, aproveitando-se da falta de demarcação das áreas indígenas, já estendem os desmatamentos de suas propriedades, como é o caso da fazenda Santa Rosa.

Kremuro, outro cacique txucarramãe, também reclama do desaparecimento gradativo da caça, denunciando que quatro fazendas e algumas estradas já foram implantadas próximo à sua aldeia. Ao contrário do grupo chefiado por Rauni, o grupo de Kremuro vive fora dos limites do Parque do Xingu. Além da diminuição da caça, porém, Kremuro teme as doenças que são levadas pelos brancos. Há dois anos houve uma epidemia de sarampo e só não ocorreram mortes porque um programa de emergência foi acionado a tempo e os índios foram removidos em aviões para o hospital da ilha do Bananal.

Rauni acha que o índio precisa aprender a ler e escrever "para entender os documentos e provar para os fazendeiros que a terra do índio não pode ser invadida". Ele conta que "há pouco tempo tinha um fazendeiro querendo instalar fazenda na nossa terra; fui discutir mas ele parecia achar que eu não era um homem inteligente; ofereceu muitos presentes; eu não aceitei e expliquei que ele não podia ficar naquela terra porque muito antes dos portugueses chegarem ao Brasil os índios já estavam ali".

"Aprendi com o Cláudio — afirma Rauni, referindo-se a Cláudio Villas Boas, até pouco tempo atrás diretor do Parque do Xingu, que a gente deve esperar que a Funai tire os fazendeiros mas que, se eles não sai-

rem, nós mesmos devemos expulsá-los. A Funai prometeu nos atender e a gente vai ter um pouco de paciência. Se não der certo, vamos brigar com os fazendeiros. E, se eles forem muito fortes, os outros índios do parque — suiá, kaiabi, juruna — ajudam a gente".

Rauni fala com muita raiva da rodovia BR-080, que cortou o Xingu em dois, apesar do protesto dos índios e dos irmãos Villas Boas. Logo que a estrada ficou pronta, um pequeno povoado, que foi chamado de Piaruçu, começou a se desenvolver às margens do Xingu. Preocupado com a presença de um núcleo próximo à sua aldeia, Rauni pintou-se de preto e, acompanhado de vários guerreiros, foi até o povoado, exigindo a retirada dos invasores. A maior parte saiu e os que ficaram vivem praticamente em função do serviço de balsa para a travessia do rio Xingu. Referindo-se ao povoado, contudo, Rauni é categórico: "Nós não vamos deixar Piaruçu crescer".

Conservando fortemente seus traços culturais, os txucarramães têm uma visão bastante crítica da integração com a sociedade envolvente. "Nós gostamos muito das coisas que os carabas dão para a gente: mosquiteiro, roupa, panelas, espingardas para caçar. Mas não queria morar na cidade não. Acho que o índio não pode morar perto do civilizado. Vocês ficam aqui e a gente lá".

A presença da delegação xinguanu em Brasília coincidiu com a de uma outra, que reunia xavantes e xerentes. Enquanto aguardavam sua vez de alar com o presidente da Funai, eles ouviram a observação de um funcionário do órgão, de que constantemente tinha índio vindo a Brasília para fazer reivindicações. Um velho cacique xerente, ouvindo a observação, comentou: "Nós vivíamos muito felizes no mato, antigamente. Quem mandou o governo amansar o índio? Agora, vocês tem que cuidar da gente".